REUFSM
REVISTA DE ENFERMAGEM DA UFSM
Universidade Federal de Santa Maria 1960

ARTIGO ORIGINAL

POSTURAS E ESTRATÉGIAS SOBRE SEXUALIDADE A PARTIR DO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: DISCURSOS DE PROFESSORES

POSITIONINGS AND STRATEGIES ON SEXUALITY FROM THE SCHOOL HEALTH PROGRAM: TEACHERS' SPEECHES

POSTURAS Y ESTRATEGIAS SOBRE LA SEXUALIDAD DESDELA SALUD EMLA ESCUELA: DISCURSOS DE PROFESORES

Nayanne Maria Magalhães Bringel[1]
Keylla Karinna Marques[2]
Eduardo Francisco Montenegro Dutra[3]
Ana Paula Teixeira da Silva Carvalho[4]
Mônica Cecília Pimentel de Melo[5]
Félix Alexandre Antunes Soares[6]

Doi: 10.5902/217976921538

RESUMO*:* **Objetivo**: analisar as posturas e estratégias de enfrentamento dos professores, acerca da educação sexual e reprodutiva em sala de aula, em uma escola pública de Juazeiro-BA, conveniada ao Programa Saúde na Escola (PSE). **Método**: qualitativo, exploratório e descritivo, com 11 professores e um gestor escolar, por meio de entrevista semiestruturada, com fechamento amostral por saturação teórica. Utilizou-se a Análise de Discurso, com o suporte teórico da metodologia problematizadora empregada por Paulo Freire.**Resultados**: como postura revelada, as discussões sobre o tema se mostraram sem constrangimentos aos professores, pois, dentre as estratégias adotadas, alguns recursos como vídeos e debates são utilizados. Porém, a atuação dos educadores não encontra sustentabilidade no PSE, pois os professores desconhecem o programa. **Conclusões:** o tema deve ser socializado e horizontalizado de maneira a promover a integração do conhecimento em espaços escolares, com oportunidades dialógicas de discussão sobre sexualidade na adolescência, a partir de um trabalho conjunto entre educação e saúde.
Descritores: Educação; Sexualidade; Adolescência; Saúde escolar.

ABSTRACT*: Aim: to analyze teachers' postures and strategies for handling sexual and reproductive education in the classroom, in a public school in Juazeiro-BA, in agreement with the School Health Program (PSE).* ***Method****: qualitative, exploratory and descriptive study, carried out with 11 teachers and a school manager, through a semistructured interview, with sample closure by theoretical saturation. Discourse Analysis was used, with the theoretical support of the problem-solving methodology practiced by Paulo*

[1]Enfermeira. Residente em Saúde da Família pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Petrolina, Pernambuco, Brasil. naybringel@gmail.com
[2]Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Petrolina, Pernambuco, Brasil. keykakarinna@hotmail.com
[3]Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Petrolina, Pernambuco, Brasil. edudutra@yahoo.com.br
[4]Enfermeira. Graduada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Petrolina, Pernambuco, Brasil. paulinha.ts@hotmail.com
[5]Enfermeira. Doutoranda em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde com Associação de IES UFRGS/UFSM/FURG. Docente em Enfermagem da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Petrolina, Pernambuco, Brasil. monquinamelo@gmail.com
[6]Farmacêutico. Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. felix@ufsm.br

Freire. ***Results:*** *as a revealed attitude, the discussions about the subject were developed without constraints to the teachers, since, among the strategies adopted, some resources like videos and debates are used. However, the performance of educators does not find sustainability in the PSE, since teachers are unfamiliar with the program.* ***Conclusions:*** *the theme should be socialized and balanced in order to promote knowledge integration in school spaces, with dialogic opportunities for discussion on sexuality in adolescence, based on a joint work between education and health.*
Descriptors: *Education; Sexuality; Adolescence; School health.*

RESUMEN: Objetivo: *analizar las actitudes y estrategias de enfrentamiento de los profesores sobre la educación sexual y la reproducción en el aula, de una escuela pública, en Juazeiro-BA, convenida en el Programa de Salud Escolar (PSE).* ***Método:*** *cualitativo, exploratorio y descriptivo, con 11 profesores y la dirección de la escuela, por medio de entrevistas semi-estructuradas, con muestra por saturación teórica. Se utilizó el análisis del discurso, con el apoyo teórico de la metodología de investigación utilizada por Paulo Freire.* ***Resultados:*** *como la postura ha revelado, las discusiones sobre el tema han mostrado profesores no constreñidos pues, entre las estrategias adoptadas se utilizan algunos recursos, tales como, videos y debates. Sin embargo, el papel de los educadores no encuentra sostenibilidad en el PSE, porque los profesores no conocen el programa.* ***Conclusiones:*** *el tema debe ser socializado y divulgado con el objetivo de divulgación y de la integración de los conocimientos en los espacios escolares, con oportunidades dialógicas para la discusión de la sexualidad en la adolescencia, a partir de un trabajo en conjunto entre la educación y la salud.*
Descriptores: *Educación; Sexualidad; Adolescencia; Salud escolar.*

INTRODUÇÃO

A importância da saúde física e psicossocial e os fatores que aumentam os riscos a que se expõem os adolescentes, colocam-nos em lugar de destaque nas políticas públicas de saúde.[1-2] Os adolescentes são cidadãos cujos direitos à saúde, à cidadania, à participação social, à educação, ao lazer e à cultura precisam ser assegurados efetivamente, enquanto sujeitos de direito e não como objeto de intervenção do Estado.[1-2]

Dentre as ações de promoção à saúde dos adolescentes, pode-se destacar o Programa Saúde na Escola (PSE), criado em 2007, pelo Decreto Presidencial nº 6.286, com o intuito de fortalecer o desenvolvimento integral e proporcionar à comunidade escolar a participação em programas e projetos que integrem saúde e educação. Dessa forma, contribui para o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros.[3]

Perante as vulnerabilidades é possível apontar o despreparo dos profissionais da educação ao abordar temas envolvendo educação sexual e reprodutiva, assunto esse relevante para os adolescentes. Quando abordado, muitas vezes, o tema se restringe aos aspectos biológicos, não correspondendo às demandas juvenis. Esse despreparo pode ser herdado da própria educação familiar antisexual que os mesmos receberam, ou da pouca discussão sobre essa temática na formação acadêmica.[4]

Por conseguinte, diante da expectativa que os pais vislumbram na escola, como espaço primário de aprendizado, e diante de políticas públicas plasmadas por novos paradigmas, como o PSE, surge como objeto de estudo: posturas e estratégias de professores ao tratar da educação sexual e reprodutiva em sala de aula.

Logo, diante do pressuposto supracitado, evidencia-se a seguinte questão de pesquisa: Quais as posturas e estratégias adotadas pelos educadores no que tange a

temática da educação sexual e reprodutiva na adolescência no ambiente escolar, a partir do PSE? Apresenta-se como objetivo analisar as posturas e estratégias de enfrentamento dos professores, acerca da educação sexual e reprodutiva em sala de aula, em uma escola pública de Juazeiro-BA, conveniada ao PSE. Portanto, pretende-se que tópicos inerentes à educação sexual e reprodutiva nas escolas, a partir da transversalidade do tema, pelas disciplinas escolares, possa contribuir em um agir sobre o mundo que promova, na formação de sujeitos adolescentes, escolhas sensíveis e responsáveis.

MÉTODO

Estudo qualitativo, exploratório e descritivo.[5] Como suporte teórico, utilizou-se a metodologia problematizadora empregada por Paulo Freire.[6] Desenvolveu-se no Colégio Estadual Misael Aguilar Silva, em Juazeiro-BA, conveniado ao PSE e campo de atuação da Residência Multiprofissional em Saúde da Família (RSMF). Com base em evidências empíricas, acredita-se que o convênio com o PSE e a atuação da RSMF deva ter provocado mudanças na qualidade da atenção em saúde e, por isso, a escolha do *lócus*.

O colégio conta com 23 professores, 01 diretora, 01 vice-diretor e 01 secretária. Durante os turnos matutino e vespertino existem turmas do ensino fundamental II ao 3º ano do ensino médio, e à noite, apenas 01 turma do 3º ano.

O estudo foi realizado com os professores que se enquadraram nos seguintes critérios de elegibilidade: ministrar aulas no ensino fundamental II e médio, para adolescentes de 10 a 19 anos, nos turnos matutino, vespertino e/ou noturno, com tempo de experiência em sala de aula de, no mínimo, 01 ano. Acredita-se que esse período acarrete em maiores possibilidades de vivência sobre a temática da educação sexual e reprodutiva de adolescentes, contribuindo para um melhor aprofundamento do objeto de estudo.

Utilizou-se como instrumento para coleta a entrevista semiestruturada. Os achados da pesquisa foram resultados das seguintes questões norteadoras: 1. Você já se sentiu constrangido(a) alguma vez com alguma situação em sua aula que envolvesse o tema? Como foi essa situação? 2. Você acha importante ou necessário a introdução deste tema na escola? Por quê? 3. Como você normalmente lida com o tema sexualidade dentro da sala de aula? 4. Quais são os principais desafios enfrentados por você ao lidar com essa temática? 5. Que estratégias você adota para lidar com esse tema em sala de aula? 6. Segundo os parâmetros curriculares nacionais, temas como educação sexual devem estar presentes em todas as áreas do conhecimento, mas você se sente seguro(a) e à vontade para falar desse tema em sua aula? Por quê? 7. Existe algum apoio ou parceria da unidade de saúde e sua equipe para com esse tema dentro da escola? Por quê? 8. Você tem conhecimento do Programa Saúde na Escola? Sabe para que serve? Fale-me o que você entende sobre o Programa.

O tempo médio de duração da entrevista foi de 20 a 30 minutos, com o emprego da amostra não probabilística, intencional, com fechamento amostral por saturação teórica.[7-8] O fechamento amostral por saturação teórica é um processo utilizado para se determinar o encerramento das pesquisas qualitativas em que se verifica repetição dos dados dos participantes.[8]

Deste modo, obteve-se a saturação após a 8ª entrevista, com a realização de mais 03 para confirmar a saturação, totalizando 11 entrevistas no período de dezembro de 2014, após a devida autorização do colégio e a submissão ao Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisas da UNIVASF, sob o protocolo 0014/250614.

Todos os aspectos éticos contidos na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, inclusive no que tange à confidencialidade, sigilo e privacidade, foram respeitados.

Os professores que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, assegurando-se a manutenção do sigilo e da confidencialidade, com os discursos codificados apenas pela inicial "E" (entrevista) e enumerados de acordo com a ordem da aplicação da entrevista.

As entrevistas foram registradas em um gravador portátil, efetuadas apenas com consentimento do participante e, em seguida, transcritas. Houve correções de linguagem, mas sem alterar a essência das falas. Por conseguinte, todo material empírico foi analisado de acordo com a proposta de Análise de Discurso (AD), que trabalha com o sentido do texto, no qual revela a visão de mundo dos sujeitos. O indivíduo é o dono do seu discurso e tem controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes.[9]

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo foi realizado com 11 professores e 01 integrante da gestão, dos quais são 10 do sexo feminino e 02 do sexo masculino. A idade variou de 26 a 50 anos e apenas um dos entrevistados não possuía pós-graduação. O tempo de formação entre os professores variou entre 2 e 25 anos e o tempo de trabalho na escola foi em média de 04 anos.

Dentre as matérias que eles lecionavam, lista-se: língua portuguesa; ciências e biologia; história; química; inglês; artes; matemática e eixo, ressaltando-se que alguns deles trabalham com mais de uma disciplina. Essa última matéria intitulada eixo, trata-se de uma disciplina diversificada, dita como extracurricular e específica do estado da Bahia, em que na 5ª série adotam temas envolvendo identidade e cultura, na 6ª e 7ª, consumo e cidadania, e na 8ª, ciências e suas tecnologias.

Para melhor tratamento do material empírico, emergiram 07 categorias temáticas, baseadas nos discursos mais significativos, sendo: "Programa Saúde na Escola: o que os professores conhecem"; "Apoio da Unidade Saúde da Família (USF): dizeres dos professores"; "Compreensão de posturas reveladas ao conversar sobre a educação sexual com adolescentes"; "Transversalidade ao lidar com a temática sexualidade entre professores"; "Falta de apoio familiar x confiabilidade nos professores"; "Estratégias facilitadoras adotadas em sala de aula, segundo vivências dos professores"; "Encarando os desafios em sala de aula".

Programa Saúde na Escola: o que os professores conhecem

O PSE é um programa que tem como intuito integrar a saúde do adolescente a partir da interação entre escola, unidade saúde da família de abrangência e comunidade. Entretanto, ao se perguntar aos educadores sobre o que eles conheciam sobre o programa, estes, inseridos em uma realidade conveniada ao PSE, revelaram desconhecimento; desenvolvimento de trabalhos não vinculados ao programa, ou ainda, um conhecimento vago sobre a finalidade do PSE.

> *Não, não conheço não. (E3)*

> [...] *sei que é para dar apoio ao aluno,* [...] *mas a gente não trabalha com isso* [...]. *(E2)*

> [...] *aqui no bairro era para estar mais inserido nas escolas.* [...] *Eles deveriam estar aqui, buscar, conversar com os alunos, fazer palestras.(E8)*

> [...] *acho que é para orientar, para ver se vai detectar alguma doença em algum aluno, mais ou menos isso, e se tiver alguma doença, pode encaminhar ao posto de saúde. (E9)*

Mesmo havendo o convênio do PSE, os discursos denotam um descompasso na interlocução entre as ações da saúde, que deveriam estar entrelaçadas ao ambiente escolar. Portanto, fica evidente uma fragilidade na articulação entre os atores corresponsáveis pelo desenvolvimento do programa na concretização de ações direcionadas pelas premissas do PSE.

As atividades envolvendo equipes de saúde no âmbito escolar ainda são marcadas por fragilidades referentes ao cuidado integral de adolescentes, com ações dissociadas do seu escopo de trabalho, que deveriam partir das necessidades da família e do indivíduo de sua área de adscrição.[10] O sinergismo empregado pelo PSE, entre a Estratégia Saúde da Família e a Educação, deveria ocorrer a partir de ações articuladas e em consonância com as atividades pedagógicas da escola, sendo fundamental a comunicabilidade entre os atores das duas áreas, com inclusões de atividades de promoção à saúde ancoradas no Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas para serem implementadas ao longo do ano letivo.[3]

Nessa conjuntura, o desconhecimento dos professores sobre o PSE pode se tornar um empecilho, impedindo a realização de atividades que poderiam ser mais bem desenvolvidas se existisse uma parceria entre os profissionais da saúde e os educadores, e aproximação dos adolescentes com as unidades de saúde, entrelaçando essa população com ações de saúde pública mais correspondentes às necessidades juvenis.

Assim, se o sentido proposto por Paulo Freire é a democratização do saber, em uma vinculação e integração dos conhecimentos para aplicação na vida prática do aluno, o que requer uma contextualização dos problemas *in loco*, e uma negação à forma dicotomizada do conhecimento, urge a necessidade de uma maior efetividade do PSE na prática.[6]

Apoio da Unidade Saúde da Família: dizeres dos professores

O Programa Saúde na Escola (PSE) surge em uma lógica de atuação no espaço escolar em parceria com as Equipes de Saúde da Família, devendo atuar na captação de crianças e adolescentes para o desenvolvimento de ações de promoção e assistência à saúde.[11]

Todavia, segundo o discurso dos professores, quando questionados sobre o fato de existir algum apoio da unidade de saúde para com o tema sexualidade dentro da escola, observou-se que o que vem ocorrendo é uma oposição ao trabalho conjunto entre educação e saúde. Ambas as áreas deveriam atuar em estratégias de cuidado, oferecendo à escola possibilidades de intervenção direta de agravos e atuação em ações preventivas de saúde.

> *Não.* [...]. *O que a gente tem é o conhecimento de vida, aquilo que os nossos alunos nos trazem. (E1)*

> *Não, pelo menos aqui dentro da escola, não. (E2)*

> *Não, não conheço. (E3)*

> [...] *eu acho que o posto de saúde do bairro deveria estar mais presente nas escolas.* [...] *(E11)*

Alguns dos fatores que chamam a atenção na dificuldade da vinculação entre profissionais da saúde e da educação é a escassez de recursos humanos, de tempo e o excesso de burocracia, o que acaba por dificultar o planejamento e a elaboração de ações em saúde, cujo *lócus* seja a escola. Nesse sentido, pode ocorrer ainda a centralização das ações em saúde em algum membro da equipe, muitas vezes, o enfermeiro, sobrecarregando-o.[12]

Vale ressaltar que a proposta de Paulo Freire, cujas vertentes pedagógicas perpassam pelos conceitos e premissas do construtivismo, a denominada Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) ou *Problem-basead Learning* (PBL), se baseia em uma proposta curricular que a diferencia de outras propostas pedagógicas, em que os problemas são produzidos visando à aprendizagem dos alunos sobre determinados temas.[6]

Deste modo, os professores, sem o apoio multidisciplinar da saúde, acabam por passar para seus alunos apenas o conhecimento adquirido na vida. À vista disso, trabalhar com o PSE exige momentos de alinhamento dos grupos e parcerias multidisciplinares das duas áreas acerca das ações do programa, para que todos possam se aproximar e colaborar no andamento das atividades, fortalecendo a promoção à saúde e a mudança de posturas deletérias expressas, muitas vezes, devido à vulnerabilidade da adolescência.

Compreensão de posturas reveladas ao conversar sobre a educação sexual com adolescentes

A abordagem do tema da educação sexual e reprodutiva na sala de aula nem sempre é um tema fácil de ser trabalhado pelos professores, o que acaba por ser, em alguns momentos, surpreendente. Na análise dos discursos ficou evidente que alguns professores, apesar do primeiro impacto com o assunto, conseguem contornar a situação e trabalhar o tema de forma serena e sem constrangimentos.

> [...] *você se assusta em um primeiro momento, mas depois é tranquilo,* [...]. *Me sinto à vontade para conversar sobre o tema.* (*E1)*

> [...] *eu tento responder da melhor maneira possível de forma a não constranger ninguém.* [...] *está dentro da minha área, então, eu me sinto mais segura. (E2)*

Assim, é necessário ao professor, independentemente da sua área de atuação, debater sobre educação sexual com seus alunos de forma profissional, incentivando-os à formulação de questionamentos que promovam a aprendizagem.[13]

Nessa conjuntura, fomenta-se a convicção de que a educação escolar precisa ser mudada, tendo como finalidade a educabilidade do ser humano práxico, ou seja, a ousadia do professor em consentir um espaço de exercício da cidadania.[6]

Outra constante no ambiente escolar, quando o assunto é educação sexual e reprodutiva, são as brincadeiras e o vocabulário coloquial presentes nos discursos dos adolescentes que, muitas vezes, podem tornar o aprendizado mais desafiador, tanto para os alunos, como para os próprios professores.

Nesse sentido, o aluno deve ser desafiado a refletir, a pensar e a propor estratégias de ação de acordo com o seu contexto de vida, formando relações com as experiências vividas e elaborando soluções para os problemas propostos.[14]

> [...] *eles falam umas besteiras lá, mas constrangido não. (E3)*

> [...] *tem alguns adolescentes que tem um vocabulário bem pesado, então, algumas vezes, eles tentam tirar algumas brincadeiras, mas, isso dá para contornar. (E5)*

> [...] *a gente precisa estar preparado para responder ao aluno quando ele tiver dificuldade e enfrentar qualquer situação. Apesar de desafiadora, a gente precisa encontrar saída. (E4)*

> [...] *o professor de língua portuguesa ou outras disciplinas é mais fácil abordar o tema, agora, matemática, aborda mais através de números e dados,* [...] *é difícil de relacionar. (E10)*

Lidar com a temática da educação sexual e reprodutiva pode desencadear brincadeiras e descontração entre todos, principalmente quando o assunto envolve um tema tabu. Nesses momentos é necessário que os professores saibam lidar com essa ocasião crítica sem constranger o aluno, tendo como alternativa estimulá-los a conhecer melhor seu próprio corpo, tendo como apoio materiais ilustrativos, bibliotecas e sala de informática, tornando o momento o mais natural e simples possível.[13]

Transversalidade ao lidar com a temática sexualidade entre professores

A inclusão do tema educação sexual e reprodutiva nas grades escolares, nas mais diversas faixas etárias, vem sendo discutida desde 1996, na qual propõe-se a transversalidade do tema por todas as disciplinas.[15]

A inclusão e a promoção do debate referentes ao tema, em todas as matérias escolares, não sendo exclusividade apenas das ciências biológicas, emerge no discurso de um professor gestor.

> [...] *qualquer disciplina pode abordar, porque geralmente o pessoal joga para o professor de ciências que trabalha com reprodução humana. (E11)*

No Brasil, desde 1998, questões envolvendo educação sexual e reprodutiva devem ser abarcadas em todas as equipes pedagógicas, abrangendo também os pais, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com o intuito de causar reflexões e debates referentes ao tema, por se tratar de uma responsabilidade que deve ser compartilhada com os mais diversos setores da sociedade.[16]

Entretanto, de acordo com a análise das entrevistas, o que se percebe é que apesar do apoio da gestão à transversalidade do tema, alguns professores, de outras disciplinas, não se referem ao assunto e revelam a temática como desafiadora em suas matérias, como nos discursos abaixo:

> [...] *não trabalho com esse tema não, mas eu brinco muito com os alunos, então eu não tenho muita besteira com isso não. (E6)*
> *na verdade eu nunca inseri essa temática em minha aula não.* [...] *Segurança? Eu já não sei se eu teria ou estaria preparado para ... . (E7)*

> *na realidade, eu nunca trabalhei sobre sexualidade, mas... o desafio seria como falar, como explicar. (E9)*

Nesse tocante, a metodologia da problematização, que gera ao mesmo tempo complexidade e singularidade no ensinar, propõe uma educação livre de conteúdos decorados e passíveis de manipulação, mas fundamentada na promoção à autonomia dos sujeitos, com uma vivência escolar que possibilite a compreensão da sociedade.[6]

Para a execução deste trabalho é imprescindível que todos os professores, independentemente da matéria que lecionam, estejam determinados, capacitados e seguros para debater a temática no ambiente escolar.[17]

Assim sendo, trabalhar e debater temas-tabus como a educação sexual, apesar da matéria lecionada, implica no rompimento das pseudosintonias e pseudoharmonias das listas de conteúdos, implicando na invenção e reinvenção do saber.[6]

Falta de apoio familiar x confiabilidade nos professores

A adolescência é uma fase de mudanças, sejam elas anatômicas, físicas, psicológicas ou culturais. Esta última carrega os valores de uma sociedade, podendo ser questionados ou apreciados pelos adolescentes. Para isso, eles almejam por informações, as quais nem sempre os pais estão preparados para fornecê-las. Destarte, evidencia-se no discurso dos participantes, que muitos não se sentem à vontade para tratar da temática da educação sexual e reprodutiva com os pais ou familiares, atribuindo essa tarefa aos seus professores.

> [...] *muitos deles não têm essa abertura em casa e se na minha aula ele se sente à vontade para falar, me perguntar, questionar alguma coisa, eu me sinto preparada. (E8)*

> *A família muitas vezes não tem tempo.* [...] *é difícil para a mãe e um pai falar de sexo* [...]. *(E11)*

A mudança que ocorre nos adolescentes pode levá-los à busca de outras pessoas fora do contexto familiar, com as quais se identifiquem e mantenham um nexo de confiança para conversar sobre temas não muito comuns. A ausência de diálogo familiar somada à vergonha, tanto dos pais, como dos filhos, faz com que todos percebam no espaço escolar um local de promoção à saúde, que favoreça a troca de saberes e experiências.[16]

Entretanto, não se pode omitir o papel primário da família e secundário das outras instâncias da sociedade como a mídia, a religião e os grupos de relacionamento, em debater temas referentes às demandas juvenis, como emergido no depoimento a seguir:

> [...] *a gente na sala de aula tem que orientar* [...]. *Tem que partir mais da família e também da sociedade. (E10)*

Dessa forma, é importante ressaltar que a família não deve se abster da tarefa de abordar a educação sexual com os filhos, pois é a maior influenciadora na formação dos mesmos, através da propagação dos valores repassados de geração em geração. Entretanto, muitos pais delegam à escola a função pioneira em conversar e debater sobre educação sexual e reprodutiva, uma vez que a família ainda apresenta dificuldades em desempenhar tal papel.

Logo, fomenta-se a convicção de que a educação precisa ser transformada a partir do prisma de que a educabilidade do ser humano urge por ser práxica, ou seja, o professor precisa ousar em consentir um espaço de exercício da cidadania, levando o educando a pensar criticamente em tudo que move os contextos sociais, culturais, históricos e

econômicos do ser vivente. É pensar e analisar tudo que nos rodeia (casa, família, escola, trabalho, região, país, mundo), na concepção de sujeitos plurais inseridos na diversidade cultural de uma sociedade globalizada.[6]

Estratégias facilitadoras adotadas em sala de aula, segundo vivências dos professores

Diante da importância em tratar o tema com os adolescentes, os professores necessitam de estratégias que facilitem a abordagem em sala de aula, de forma que possam fascinar a atenção dos alunos e tornar a aula mais dinâmica. Isto posto, observa-se que muitas ferramentas são válidas para gerar o dinamismo necessário, como colocado nos seguintes discursos.

> *Eu gosto de falar desse assunto* [...], *desde que haja um cuidado pedagógico* [...] *vinculado a algumas produções cinematográficas.* [...]. *(E1)*

> [...]*vídeos mostrando como é que o corpo funciona, depois a gente faz debates. Trago histórias de alguém, casos de alguém, sem citar nomes e focando sempre no que aconteceu e como é que ele vai lidar com algumas situações que vão surgindo. Então, acho assim, vídeos, palestras, questionários e debates. (E2)*

> *Procuro trabalhar levando textos para que possa puxar* [...] *um debate mais participativo,* [...] *e a gente possa estar embasado. (E4)*

Todo conhecimento deve levar os sujeitos à formação de consciência crítica, levando-os ao entendimento da atual conjuntura sócio-política-econômica-cultural de seu país e do mundo. A *práxis* de descentralizar o conhecimento dessa relação professor-aluno interage com a transversalidade de posturas docentes assumidas, nas quais o indivíduo (aluno) assume a posição de sujeito da ação e não de objeto alienado e manipulável por forças sociais de domesticalização.[6]

Hoje, com o acesso mais fácil à informação, a escola não tem ocupado mais papel de destaque como fonte de conhecimento. Isso foi assumido pela rapidez tecnológica de conexão com o mundo através do advento da *internet*. Daí, a necessidade da "provocação" do professor em sala de aula, apropriando-se, para isso, de ferramentas como as citadas nos depoimentos apresentados.

Encarando os desafios em sala de aula

Não raramente, os educadores também apresentam suas vivências pessoais da sexualidade humana, porque cada um vive as experiências e os eventos cotidianos de forma particular e própria. Nessa conjuntura, os desafios são sempre citados ao relacionar ensino-aprendizagem com a temática da educação sexual em sala de aula, como observado nesse discurso:

> *conceitos meus que estão preestabelecidos e sendo reelaborados dentro da sociedade contemporânea.* [...] *primeiro, a elaboração tem que ser minha, e depois é que eu tenho que passar isso para eles.* [...]. *(E1)*

Mediante esses desafios, faz-se necessário que o educador assuma também uma posição curiosa de aprendizagem, implicando em invenções e reinvenções dos saberes e valores que carrega consigo.[18] Assim, ele reconhecerá a existência de outros comportamentos, distintos do seu, não impondo seus valores específicos, mas respeitando os pensamentos de seus alunos em suas singularidades, atentando para se desmitificar os preconceitos e outras formas de discriminação dos seres.

Outro fator bastante presente ao se tratar da educação sexual e reprodutiva é o fato de o professor sempre associar a orientação sexual à mudança do corpo, às alterações hormonais, destacando o respeito ao mesmo.

> [...] *eu acho que a gente tem que ir assim, mostrando como é que o corpo funciona, como eles têm que lidar com os hormônios.* [...]. *Eu ensino também o respeito ao corpo, como é que eles devem lidar com algumas situações. (E2)*

O corpo se torna o ponto central da orientação sexual, pelo fato dele ser visto como o local no qual o homem e a mulher passam a sentir as primeiras sensações e prazeres. Entretanto, quando os educadores vinculam a educação sexual apenas ao desenvolvimento desse corpo, estão transmitindo somente os conhecimentos que trazem dos livros. Matérias que se amparam apenas nas mudanças corporais do sexo masculino e feminino com o intuito de debaterem a sexualidade, negam a possibilidade de discutir os aspectos históricos, sociais, culturais e de gênero, além de excluir os dilemas do tema como violência sexual, aborto, diversidade e opção sexual, virgindade, dentre outros.[19]

Nesse âmbito, surge a necessidade de se romper com o modelo clássico da posição de educador e das práticas "domesticadoras" advindas desse paradigma opressor-oprimido, elaborando um "educar para transformar" e não um "educar para depositar".[6]

A mistura de faixas etárias dentro de uma mesma sala de aula também foi relatada como dificuldade de condução de debates dentro das escolas, principalmente quando envolve faixas etárias menores.

> *Eu acho que a maior dificuldade é trabalhar com os meninos de 5ª série até a 7ª série, por eles não terem ainda maturidade e não ter orientação de casa, da família. (E4)*

> *Acho que a questão da faixa etária, porque ela é muito misturada. No sexto ano, você tem aluno de 11 anos e, às vezes, você tem aluno de 17. Então, acaba tendo uma grande confusão com esses e outros temas. (E5)*

Diante dessa situação é preciso trabalhar o emocional de cada adolescente, pois somente dar-lhe informações não é o suficiente, ainda mais quando se trabalha com alunos de idades diferentes, de séries diferentes.[13] Essa discussão perpassa pela formação do educador que, muitas vezes, pode apresentar dificuldades em abordar temas envolvendo a sexualidade, por falta de espaços dialógicos na academia, que discutam estratégias e dinâmicas de cunho pedagógico para lidar com a situação.

CONCLUSÃO

A pesquisa se propôs a analisar as posturas e estratégias de enfrentamento dos professores acerca da educação sexual e reprodutiva em sala de aula, em uma escola

conveniada ao PSE. Como não foi possível a aplicabilidade da mesma em todas as escolas conveniadas ao PSE, isso pode ser pontuado como uma limitação do estudo.

A análise apontou que o tema é abordado sem grandes constrangimentos entre os professores e que, como estratégias adotadas, alguns recursos interativos como vídeos e debates são utilizados. Porém, a atuação dos educadores não encontra sustentação no PSE, pois os professores desconhecem o programa.

Pressupõe-se que escolas contempladas pelo PSE deveriam propiciar a sustentabilidade de ações, a partir de um trabalho conjunto entre os serviços que integram a educação e a saúde, mas, na realidade pesquisada, revelou-se um modelo de atuação que não incorpora o conhecimento do programa pelos educadores e nem a parceria entre os dois âmbitos. Isto posto, não se observa uma interlocução dos espaços entre as áreas, o que compromete a qualidade da estratégia.

O assunto sexualidade no espaço escolar, entre adolescentes, é imbricado por dimensões que envolvem aspectos do contexto cultural de cada um; da erotização dos corpos; influência da mídia; falta de diálogo com os pais; orientação e diversidades sexuais acompanhadas, algumas vezes, por visões discriminatórias. Nessa perspectiva, como resultado de posturas e estratégias eficazes que podem ser empregadas pelos educadores, está a empregabilidade de que o saber deve ser socializado e horizontalizado de maneira a promover a efetiva socialização do conhecimento, em espaços e oportunidades dialógicas sobre o tema.

Assim, fica evidente a primordialidade de uma maior intervenção dos profissionais da estratégia saúde da família no âmbito escolar, em especial do enfermeiro, pois nele se deposita toda a base de articulação entre educação e saúde, na tentativa de entrelaçar as ações das duas áreas, tão intimamente relacionadas à promoção da saúde dos adolescentes.

Logo, o estudo aponta para a necessidade de o PSE estar calcado no enfoque da intersetorialidade e atingir, na prática, um objetivo comum, no intuito de contribuir para a resolutividade e a efetividade das ações em saúde, articuladas com as escolas e vislumbradas no planejamento, desenvolvimento, gestão e organização dos serviços de saúde e educação para compreender verdadeiramente os processos e as necessidades dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2007 [acesso em: 2014 mar 13]. 60 p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf.

2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. A saúde de adolescentes e jovens: uma metodologia de auto-aprendizagem para equipes de atenção básica de saúde [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2007 [acesso em 2014 fev 24]. 168 p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0272_M.pdf.

3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção á Saúde. Passo a passo. PSE. Programa Saúde na Escola. Tecendo caminhos da intersetoralidade [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2011[acesso em: 2014 fev 01]. 48 p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/passo_a_passo_programa_saude_escola.pdf.

4. Oliveira RR, Brancaleoni, APL, Souza, TN. Formação de professores para o trabalho com o tema sexualidade no cotidiano escolar. Góndola, Ens Apr Cien [Internet]. 2013 [acesso

em 2016 nov 07];8(2):34-49. Disponível em: http://revistas.udistrital.edu.co/ojs/index.php/GDLA/article/view/5148/6767.

5. Canzonieri AM. Metodologia da pesquisa qualitativa na saúde. Petrópolis: Vozes; 2010.

6. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 2011.

7. Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. Rio de Janeiro: Abrasco; 2014.

8. Fontanella BJB, Luchesi BM, Saidel MGB, Ricas J, Turato ER, Melo DG. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. Cad Saúde Pública [Internet]. 2011 [acesso em 2016 nov 7];27(2):389-94. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/csp/v27n2/20.pdf.

9. Orlandi EP. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 8ª ed. Campinas: Pontes; 2009.

10. Leite CT, Machado MFA, Vieira RP, Marinho MNA. Educação em saúde: percepção de docentes em relação às ações no programa saúde na escola (PSE). Convibra. [Internet]. 2013 [acesso em 2015 mar 12]. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/2013/76/2013_76_7712.pdf.

11. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola. Brasília: Ministério da Saúde; 2009 [acesso em 2014 fev 22]. 100 p. Disponível em: http://dab.saude.gov.br/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad24.pdf. (Cadernos de Atenção Básica; 24).

12. Penso MA, Brasil KCT, Arrais AR, Lordello SR. Relação entre saúde e escola: percepções dos profissionais que trabalham com adolescentes na atenção primária à saúde no Distrito Federal. Saúde Soc [Internet]. 2013 [acesso em 2015 jan 19];22(2): 542-53. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902013000200023&script=sci_arttext.

13. Souza LF. A educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental [monografia]. São Paulo: Faculdade Cenecista de Capivari; 2011. 38 p.

14. Berbel NAN. A metodologia da problematização em três versões no contexto da didática e da formação de professores. Rev Diálogo Educacional [Internet]. 2012 [acesso em 2015 fev 16];12(35):103-20. Disponível em: http://www.redalyc.org/pdf/1891/189123706006.pdf.

15. Brasil. Ministério da Educação. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília; 1996 dez 20.

16. Silva SC, Prates LA, Scarton J, Barreto CN, Alves CN, Wilhelm LA et al. Mitos e dúvidas de adolescentes acerca das modificações corporais e suas implicações na sexualidade. Rev Enferm UFSM [Internet]. 2014 [acesso em 2016 nov 07];4(2):459-69. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/10812/pdf.

17. Oliveira RR, Brancaleoni APL, Souza TN. Formação de professores para o trabalho com o tema sexualidade no cotidiano escolar. Góndola, Ens Apr Cien [Internet]. 2013 [acesso em 2015 jan 19];8(2):34-49. Disponível em: http://revistas.udistrital.edu.co/ojs/index.php/GDLA/article/view/5148.

18. Freire, P. Extensão ou comunicação. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011.

19. Scaratti M, Silva PRR, Zanatta, EA, Brum MLB. Sexualidade e adolescência: concepções de professores do ensino básico. Rev Enferm UFSM [Internet]. 2016 [acesso em 2016 nov 07];6(2):164-74. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/19077/pdf_1.

Data de recebimento: 21/03/2016
Data de aceite: 06/12/2016

Contato do autor responsável: Mônica Cecília Pimentel de Melo
Endereço postal: Av. José de Sá Maniçoba S/N, bairro Centro, Petrolina, Pernambuco,Brasil. CEP 56.304-917
E-mail: monquinamelo@gmail.com